Os (i)limites da beleza

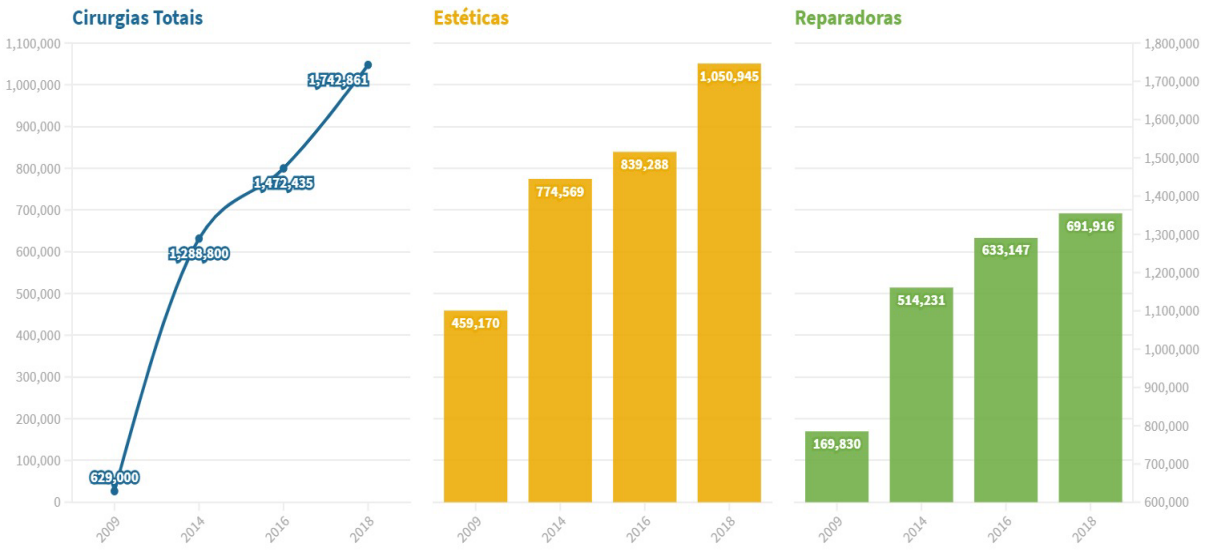
De que modo os padrões corporais impostos pela sociedade influenciam o mercado de procedimentos estéticos no Brasil?

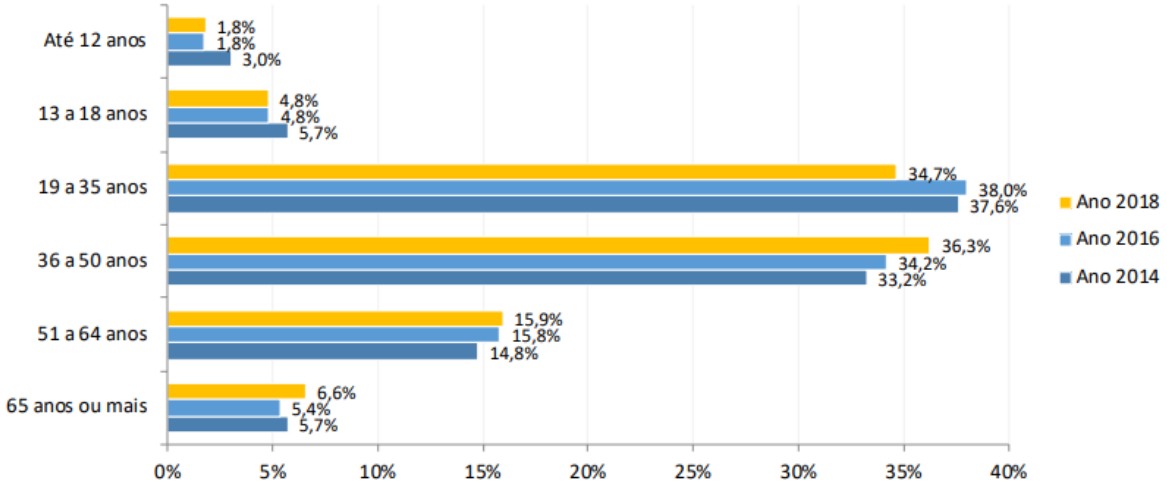
Narciso ficou tão encantado consigo mesmo que não conseguiu parar de contemplar o próprio reflexo no lago. Observou os cabelos, os olhos, os lábios e não conseguiu parar de se admirar. Observou tanto que desejou ter sua própria imagem até não compreender que se tratava dele mesmo – e acabou por se afogar, em busca de sua própria beleza. Da ficção à realidade, pode-se dizer que a icônica história da mitologia grega parece mais moderna do que nunca. As pessoas, afinal, têm feito de tudo por um padrão de beleza que, muitas vezes, parece inalcançável.

Diversos famosos e anônimos se submetem a diversas cirurgias, algumas realizadas com sucesso, outras com inúmeras complicações. Que o diga o caso da *influencer* **Sthefane Matos**, que acordou com o nariz aberto após uma rinoplastia. Ela compartilhou sua história com seus seguidores em seu canal no **Youtube**: "*Eu tinha um nariz saudável, perfeito. Fiz uma primeira rinoplastia para poder me encaixar num padrão de beleza que não existe. O nariz ficou torto, sem ponta. Um lado era menor que o outro, deformado*". Sete meses depois, ela fez uma cirurgia reparadora que deu início a todo seu pesadelo: "*Um dia, acordei com meu nariz abrindo; no outro, ele estava aberto, com a cartilagem completamente exposta. Foi desesperador. Precisei ir rapidamente a São Paulo, para uma cirurgia de emergência.*"

O caso de Sthefane levantou alertas sobre cirurgias e seus vários riscos. Nem sempre o resultado sai como os pacientes esperam e em alguns casos, são levados a óbito. Assim aconteceu com a *influencer* **Liliane Amorim**, que faleceu em consequência de uma infecção por perfuração no intestino após uma lipoaspiração. Liliane passou pela cirurgia no dia 9 de janeiro e, após seis dias, foi internada por conta das complicações. A jovem de 26 anos permaneceu na UTI mas não resistiu ao quadro de infecção generalizada.

O Brasil é líder mundial no *ranking* de cirurgias plásticas em jovens e os números não param de crescer desde 2009. Segundo dados da **Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP)** de 2018, dos quase 1,5 milhão de intervenções estéticas, 6,6% foram realizadas em pessoas com até 18 anos. Os números, que já poderiam ser considerados alarmantes, cresceram ainda mais com o isolamento social devido à pandemia. Dentre os diversos fatores capazes de aumentar a insatisfação das pessoas com a própria aparência, o mais importante deles se mostra também o mais contemporâneo: a constante exposição às mídias sociais.



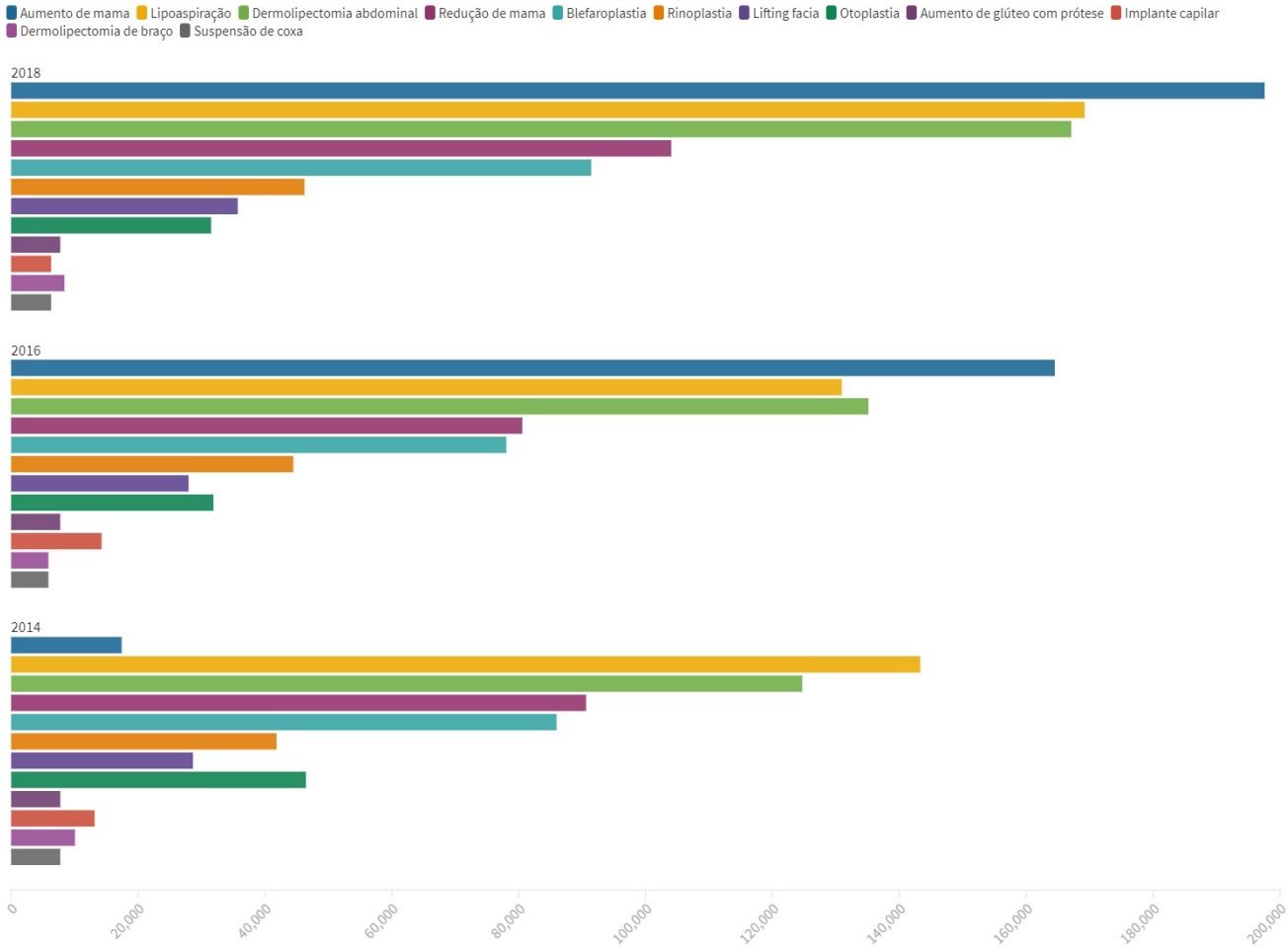


Atualmente, ainda é difícil encontrar alguém feliz com o próprio corpo. Em um contexto no qual a exposição nos garante acesso a inúmeras experiências estéticas e a filtros capazes de alterar nossas características físicas, cada vez mais pessoas se sentem insatisfeitas ao retornar para o mundo "real". Essa insatisfação tem gerado enorme procura por procedimentos que os aproximem de uma aparência similar ao que veem nas redes.

Esse é o caso da **Sandra**, que fez uma rinoplastia e alguns outros procedimentos estéticos. Para ela, cada um trouxe uma melhor versão de si, fazendo com que ela se sentisse mais plena. "*Passei anos planejando cada procedimento que fiz, hoje já não preciso tirar uma foto de perfil, posso exibir meu nariz com segurança*", conta ela. Sandra também investiu em uma carreira nessa área e abriu uma clínica de estética. "*Todos esses anos que estudei e lutei para ter meu espaço foram extraordinários, como um dia eu busquei procedimentos*

para minha autoestima fosse melhor, agora posso ajudar os outros a terem uma auto estima elevada”.

Dentre os procedimentos mais procurados, estão aqueles considerados mais simples, como rinoplastia, blefaroplastia (retirada do excesso de pele das pálpebras) e harmonização facial.



Grande parte da procura de procedimentos estéticos durante a pandemia tem se dado, justamente, devido ao maior tempo em casa. Em entrevista ao portal ***UOL***, o cirurgião plástico **Felipe Coutinho**, presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica em São Paulo, comenta que as pessoas têm usado as economias, antes destinadas a viagens e lazer, para procedimentos estéticos. E levam em conta, também, uma possibilidade de recuperação melhor em *Home Office*.

Curioso imaginar que o ser humano não perceba seu processo natural (nascer, crescer, viver e aceitar a “velhice”) como algo repleto de experiência, amadurecimento e sabedoria. Afinal, cada marca de expressão significa longevidade. O atual momento, contudo, mostra a ilusão da juventude de Pandora: vários profissionais da saúde relatam exageros dos pacientes em procedimentos clínicos e estéticos, que levaram vários deles a cirurgias com resultados não satisfatórios – ou mesmo à morte.

Sim, a juventude de Pandora já marca uma geração viciada em estímulos de mídia, além de iludir e encantar aqueles que não aceitam mais a velhice natural. Tal mercado atrai, hoje, pessoas de classes A à D, afinal, as clínicas fazem consórcios, aceitam cartões de crédito ou boletos e a possibilidade de realizar cirurgias plásticas via SUS se comprovada o intuito da cirurgia precisa ser para melhorar a qualidade de vida e o bem-estar do paciente. Nesse sonho da beleza constante, o ser humano esqueceu sua condição de carne e osso, para se perceber como "máquina reparável".

De vaidade à doença

Não é só por meio de cirurgias e procedimentos estéticos que o culto ao corpo se evidencia. Distúrbios alimentares estão cada vez mais comuns na população. Anorexia, bulimia, vigorexia e demais compulsões alimentares são consideradas doenças da beleza. Psicanalista e coordenadora do ***Núcleo de Doenças da Beleza da PUC Rio***, **Joana Novaes** explica, em livros e palestras, como essas doenças podem, de fato, interferir na estrutura psicológica de alguém. "*A moralização da beleza é o maior fator para a distorção da autoimagem, sendo a magreza e a juventude a representação máxima da beleza. Qualquer linha que se desvie desses fatores é considerada desleixo*", alerta.

Para Joana, a beleza passa a ser um problema (sobretudo gerando um sofrimento psíquico) quando isso afeta a moral, com as pessoas sendo julgadas a partir da sua aparência. "*Essa adesão de práticas de embelezamento, ele é um sinônimo de adequação social de vaidade, aquela linha tênue quando ele passa a ser algo patológico, algo que seja denotativo de que há ali em curso algo de um sofrimento psíquico. O corpo é um capital na sociedade de consumo, e isso tem aumentado cada vez mais. Com a internet, principalmente as redes sociais, deixou de ser a modelo ou atriz protagonista da novela para ser qualquer um de nós para exercer um papel de influência, determinando um corpo que deveríamos ter e desejar*", explica Joana.

Os distúrbios são bem mais comuns do que imaginamos, não escolhendo classe social, idade, ou qualquer outro fator. A preocupação com o peso da aparência é um dos principais motivos para desenvolver algum distúrbio e o bullying é outro ponto predominante. A distorção da auto imagem traz uma versão obsessiva com o próprio corpo. Além de ser um cartão de visitas, ele fala muito sobre nós. A jornalista **Daiana Garbin**, conta em seu livro (***Fazendo As Pazes Com O Corpo***) como sofreu e como percebeu que sofria de um transtorno alimentar. "*Por mais de 20 anos, vivi uma guerra interna. Eu odiava meu corpo. Odiava minhas curvas, meu quadril largo, minha estrutura grande. Nunca gostei de ser chamada de mulherão, para mim, era quase um xingamento. Eu era pesada demais, gorda demais, inadequada demais. Pelo menos era o que eu pensava. Comecei a travar batalhas diárias contra mim mesma muito cedo. Colocar uma roupa para sair de casa era um suplício. Nunca saía com os braços de fora pois tinha vergonha de como eles eram grossos*", conta ela em seu primeiro livro.

Mesmo sendo uma repórter, Daiana tinha dificuldade para ver até mesmo suas matérias, não percebendo que sofria de uma doença. "*Em alguns dias eu nem conseguia sair para trabalhar, com medo de que as pessoas rissem de mim, de como eu era imensa e esquisita. Também não gosto de me ver em vídeos, mesmo tendo trabalhado por muito tempo como repórter na TV. Nunca gostei de assistir às matérias que fazia, mas tive que aprender a*

tolerar e a conviver com isso. É horrível não se sentir bem na própria pele. E isso não tem nada a ver com vaidade. É uma vergonha extrema, uma sensação de total estranhamento em relação ao meu corpo'.

"*Demorou muito até eu perceber que o problema de peso que atrapalhava minha vida não estava no meu corpo, mas eu só soube disso quando tive coragem de procurar ajuda médica. E foi então que finalmente descobri que o que eu tenho não é maluquice, não é frescura, não é vaidade. É uma doença. Sofro de transtorno alimentar não especificado, que é uma das manifestações do transtorno alimentar. Nesse quadro, a pessoa apresenta um comportamento desequilibrado em relação à comida, gerando prejuízos reais para a saúde e causando um sofrimento profundo. No entanto, é "não especificado" porque não se encaixa em todos os critérios de nenhum transtorno específico. Um dos meus sintomas – o que mais me fazia sofrer – era a distorção da imagem corporal, que fazia com que eu enxergasse meu corpo de uma maneira totalmente diferente de como os outros me veem*". Em 2016 ela pediu demissão para criar um canal no ***Youtube***, o ***EuVejo***, onde ela se dedica a dividir seu transtorno e tratamento abertamente, mostrando suas dúvidas e descobertas. Além de entrevistar nutricionistas, psicólogos, psiquiatras e especialistas em transtornos alimentares com o objetivo de chamar atenção para um assunto sobre o qual ninguém parecia querer falar.

O risco da busca pela beleza

A busca pela vaidade pode trazer riscos e muitas vezes os pacientes não levam isso em consideração, buscando por cirurgias cada vez mais invasivas e muitas vezes desnecessárias. A necessidade de estar dentro de um padrão estabelecido pela mídia e pela sociedade faz com que poucos percebam o quanto uma cirurgia pode ser perigosa.

A escolha do profissional para realizar o procedimento deve ser muito criteriosa, não olhando apenas o valor a ser desembolsado. Escolher um bom médico pode poupar frustrações no futuro, além de garantir a obrigação de resultado. O paciente pode até buscar seus direitos judiciais quando o procedimento não atinge sua expectativa. O cirurgião se vincula a uma obrigação de resultado, pois quem conhece sobre as limitações do corpo é o profissional e por isso ele tem o dever de informar qualquer tipo de intercorrência que possa acontecer.

De acordo com **Natália Arícia**, presidente da comissão de Direito Médico da **OAB/Contagem**, qualquer dano acarreta responsabilização do profissional. O médico pode vir a ser condenado pelo insucesso de uma cirurgia plástica, sendo obrigado a indenizar o paciente por danos morais, materiais e estéticos, e através do prontuário, você se sentindo vítima, terá todas as informações sobre sua saúde e a assistência que lhe foi prestada durante o procedimento ao qual se submeteu. Através dele pode se ter uma solução amigável ou judicial, e o médico que tenta adulterar as informações contidas no prontuário, deve responder nas três esferas: cível, penal e administrativa.

Se colocado na balança, diversos fatores podem levar ao erro médico ou intercorrências causadas pelo próprio paciente, mas podem ser evitados com práticas que devem ser adotadas pelo profissional e paciente antes, durante e após a realização do procedimento estético. Necroses, irregularidade na pele, falta de ar e infecções são alguns dos tipos de adversidades que podem acometer o paciente em alguns casos de descuido, mas até que ponto isso é aceitável? Qualquer problema quanto mais rápido for verificado, menor a chance de causar traumas e sequelas, e quando é garantida toda assistência, pode se evitar problemas burocráticos ao cirurgião.